

O DEBATE HISTORIOGRÁFICO SOBRE A PASSAGEM DA ANTIGUIDADE
À IDADE MÉDIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NOÇÕES DE
ANTIGUIDADE TARDIA E PRIMEIRA IDADE MÉDIA

THE HISTORIOGRAPHICAL DEBATE ON THE PASSAGE OF ANTIQUITY
TO THE MIDDLE AGES: CONSIDERATIONS ON THE PRINCIPLES OF
ANTIQUITY AND EARLY MIDDLE AGES

Paulo Duarte Silva¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Poucas obras tiveram tanta repercussão historiográfica quanto a de Edward Gibbon. Desde então, historiadores da Antiguidade e medievalistas discutem sobre o período que corresponde à desarticulação do Ocidente imperial e à expansão do cristianismo e do islamismo. Até meados do século XX, prevaleceu a perspectiva pessimista, identificada pelo epítome de “declínio” imperial. Em reação a tais premissas desponta o conceito de Antiguidade Tardia que, ao enfatizar a noção de “transição”, atenua o conteúdo catastrófico das análises e dispensa noções correlatas, como a das “trevas” medievais. Em resposta às limitações desta perspectiva, alguns autores aventam a noção de Primeira Idade Média. Nesse artigo, examinamos as potencialidades e limitações das duas abordagens correntes, indicando, assim, o uso da noção de Primeira Idade Média ao estudo do Ocidente, como preferencial.

Palavras-chave: Historiografia; Antiguidade Tardia; Idade Média.

Abstract: Few works have had as much impact on the historiography as the one of Edward Gibbon. Since then, antiquity historians and medievalists discuss the period related to the disarticulation of the imperial West and the expansion of Christianity and Islam. Until the mid-twentieth century prevailed a pessimistic outlook, identified by the epitome of imperial "decline". In response to these assumptions emerges the concept of Late Antiquity, that by emphasizing the notion of "transition" attenuates catastrophic content analysis and avoids related notions such as medieval "dark ages". In response to the limitations of this trend, some authors propose the concepts of "Early Middle Ages" or "First Middle Ages". In this article, we examine the potential and limitations of both historiographical approaches, thereby indicating the use of the concept of Early Middle Ages to the study of the West.

Keywords: Historiography; Late Antiquity; Middle Ages.

Recebido em: 18/01/2013

Aprovado em: 24/05/2013

¹ E-mail: pauloduartexxi@hotmail.com

Introdução

Em seu livro *A Civilização Feudal*, ao citar a questão da periodização medieval e mencionar a passagem da Antiguidade à Idade Média, Jérôme Baschet afirma ser inevitável evocar os recortes habituais deste milênio e que, “apesar de tudo, 476 é uma marca cômoda”.² Embora não se justifique, a ingenuidade do autor pode ser explicada: privilegiando o estudo do feudalismo – formado no que se considera Idade Média Central (sécs. XI-XIII) –, o autor examina o outro marco da periodização medieval, isto é, o limiar entre o *medievo* e a *modernidade*.

De fato, parte dos medievalistas se esquia de problematizar a gênese do período medieval. Isso pode ser observado pela nomenclatura *Middle Ages* usada pela maioria das revistas de divulgação em língua inglesa, associada preferencialmente aos séculos X-XV. Por outro lado, desde a década de 1960 ganha força a nomenclatura “Antiguidade Tardia” (*Spätantike, Late Antiquity, l’Antiquité Tardive*) que estende quase sempre até a ascensão carolíngia.³

Premidos, por um lado, por pesquisadores medievísticos que os obliteram ou, por outro, por estudiosos que os inserem em uma perspectiva de continuísmos mais do que rupturas entre a Antiguidade e o período precedente ao “feudalismo”, os séculos que se seguem à desarticulação do Império Ocidental são verdadeiro campo de batalha historiográfica, agravada pela imagem de *Dark Ages* que se lhes costuma atribuir, como veremos.

De um lado, encontram-se os defensores da noção de “Antiguidade Tardia” (sobretudo Marrou e Brown), do outro os partidários das noções coetâneas de “Primeira” ou “Alta Idade Média” (Le Goff, Franco Junior, Wickham). Nas linhas que seguem, apresentaremos as origens de tal debate, as principais características de cada uma das perspectivas, suas potencialidades e limitações, com as quais a historiografia brasileira mantém crescente e profícuo interesse.

² BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006. p. 33-4.

³ De modo análogo, medievalistas como Le Goff, Hilário Franco Junior e o próprio Baschet falam em *Longa Idade Média* em substituição à noção de *idade moderna*. ; LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 11-2; FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 115-7; ____, *Antigüidade Tardia ou Primeira Idade Média?* In: ANDRADE FILHO, Ruy de O. (org). *Relações de Poder, educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média*. Santana do Parnaíba: Solis, 2005, pp. 233-42, p. 237-8, 240-1; BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal...*, Op.Cit., p. 33, 43-4. ALMEIDA, Ana Carolina. *Pensando o fim da Idade Média: a longa Idade Média de Le Goff e a colonização da América de Baschet*. *Revista Tempo de Conquista*, Niterói, v. 7, pp. 1-10, 2010.

Tal como esperamos indicar, a noção de Primeira Idade Média parece-nos mais adequada ao estudo do Ocidente e de seus específicos desdobramentos políticos, sociais, culturais e religiosos no período.

As origens da controvérsia historiográfica

De certo modo o debate a respeito do “declínio” do Império Romano do Ocidente é contemporâneo aos principais eventos políticos e sociais que transformaram a *pars occidentalis* nos séculos V e VI.⁴ Como apresenta Peter Brown,⁵ motivados pela repercussão do saque de Roma em 410, autores pagãos imputaram na consolidação do *cristianismo* a fraqueza moral que impedia a efetiva resposta às *invasões bárbaras* que assolavam a região na primeira metade do século V: reinventavam, assim, a expressão *tempora christiana*, que representava outrora o triunfo da Igreja com Constantino, e que adquiria então conteúdo depreciativo.

As respostas dos eclesiásticos foram as mais variadas, abrangendo de autores *radicais* como o monge Salviano – que exaltava a *libertação* fiscal e humana promovida pelos germanos junto às populações camponesas –,⁶ a “neutralidade” de Paulo Orósio e, sobretudo, Agostinho. Em resposta a tais acusações, o bispo de Hipona dedicou-se à confecção da *Cidade de Deus*, na qual se empenhou em inscrever o caráter *circunstancial e histórico* das civilizações (Jerusalém terrena) no plano *salvífico cristão* (Jerusalém eterna).⁷

⁴ A pesquisa de Margarida de Carvalho evidencia que, já em fins do século IV, as transformações vividas no período já eram colocadas em perspectiva, vide a obra de Amiano Marcelino e o tom elogioso dado à tentativa de “restauração pagã” de Juliano, mostrando que tais reflexões não seriam exclusividade de eclesiásticos. CARVALHO, Margarida M. de. Gregório Nazianzo e a Polêmica em torno da Restauração Pagã de Juliano. In: MENDES, Norma Musco; SILVA, Gilvan Ventura da. (orgs.) *Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, Vitória: Edufes: 2006. pp. 267-284. BARROS, José D’Assunção. Passagens de Antiguidade Romana ao Ocidente Medieval: leituras historiográficas de um período limítrofe. *História*, São Paulo, v. 28, n. 1, pp. 547-573, 2009, p. 557-9. Conferir ainda: SILVA, Gilvan Ventura da. O fim do mundo antigo: uma discussão historiográfica. *Mirabilia*, Barcelona, v. 1, pp. 57-71, 2001, p. 58-9.

⁵ BROWN, Peter. *Tempora Cristiana: Tempos Cristãos*. In: Idem, *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999. pp. 52-71.

⁶ LE GOFF, Jacques. *A Civilização...*, Op. Cit., p. 23-4.

⁷ MACCORMACK, Sabine. Sin, Citizenship and the Salvation of Souls: The Impact of Christian Priorities on Late-Roman and Post-Roman Society. *Comparative Studies in Society and History*, Nova York, v. 39, n. 4, pp. 644-73, 1997. p. 644-5, 673. Sobre as obras de Paulo Orósio e Salviano, cf.: OROSIO, Paulo. *Historias*. Edic. Eustaquio Sánchez Salor. Madrid: Gredos, 1982. V. 2. (Col.: Biblioteca Clásica Gredos, 54). VII,41,7; SALVIANO, *De Gubernatione Dei*, M.G.H.: Berlim, 1961, IV,V, p. 108, 113.

Tratava-se de uma noção cuja generalidade e clareza veio a ganhar um novo peso e uma nova intensidade à medida que as igrejas do Ocidente se prepararam, da melhor maneira que podiam, para enfrentar a possibilidade de um mundo sem o Império Romano.⁸

Nos séculos seguintes, fosse o propósito de Agostinho ou não, a formulação abriu caminho a um *pseudoagostinianismo* político que previa a intervenção temporal da Igreja,⁹ ampliada ainda mais pela forja da *Doação de Constantino*. Com isso, prevaleceu a perspectiva triunfalista da *História Eclesiástica* e o debate se arrefeceu.¹⁰

A discussão sobre as *causas* do declínio do Império Romano volta gradualmente à tona com o Renascimento, em compasso com a paulatina afirmação da divisão *tripartite* da História Ocidental.¹¹ Assim, Petrarca afirmou que o advento do Cristianismo em Roma levou a uma *era obscura*.¹² Entre os humanistas italianos,

⁸ BROWN, Peter. *Tempora Christiana...*, Op. Cit., p. 70.

⁹ MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. *Historia Eclesiástica e Historia de la Iglesia*. In: MARTÍNEZ SAN PEDRO, Maria D.; SEGURA DEL PINO, María D. (orgs.). *La Iglesia en el mundo medieval y moderno*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 2004. pp. 13-28, p. 14-5.

¹⁰ Por *História Eclesiástica* consideramos o *gênero literário* difundido por autores da Igreja oriental como Eusébio de Cesareia e outros, no Oriente e no Ocidente. Este *gênero* teria precedentes no Velho Testamento, na obra de Flavio Josefo, nos Atos dos Apóstolos e na obra do historiador pagão Diógenes Laércio, visando enfatizar a ortodoxia doutrinária e a sucessão apostólica que garantiam a liderança dos partidários do catolicismo contra perseguidores e hereges. Este *gênero* teria como fundamentos o uso de 'textos sagrados' como evidência de uma *concepção de História* com: origem (Gênesis); meta (Reino De Deus); momento de inflexão (nascimento do Cristo); noção providencialista do governo divino sob o mundo; interrelação contínua (e sensível) entre dogma e fato; necessidade de relacionar os eventos eclesiais locais ao corpo universal da Igreja. MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. *Historia Eclesiástica...*, Op. Cit., p. 13-4; MOMIGLIANO, Arnaldo. As origens da historiografia eclesial. In: Idem, *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. pp. 187-212, p. 194-7.

¹¹ MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. *Historia Eclesiástica...*, Op. Cit., p. 16-8; CRUZ, Marcos. Transformação e continuidade do Império Romano: apontamentos para uma discussão historiográfica do conceito de Antiguidade Tardia. In: NETO, Dirceu, NASCIMENTO, Renata (orgs.). *A Idade Média: Entre a História e a Historiografia*. Goiânia: PUC Goiás, 2012, pp. 321-38, p. 321-3.

¹² ASTARITA, Carlos. La tesis de Alain Guerreau. *Edad Media. Revista de Historia*, Valladolid, v. 6, pp. 183-207, 2003-2004, p. 195. Em meados do séc. XX, Mommsen já problematizava o uso corrente historiográfico de Petrarca como apanágio para depreciar o período medieval como 'tenebrae' - vale lembrar que a noção de "Dark Ages", antes associada a todo o 'milênio' medieval, passou a ser referente quase exclusivamente ao período compreendido como Alta Idade Média em fins do século XIX e inícios do XX. Para o autor, Petrarca possibilitou ou 'antecipou' uma nova periodização da história nos círculos intelectuais - em seu caso, ligada diretamente aos humanistas modernos -, associada à noção de derrocada imperial por forças bárbaras e/ou pelo cristianismo. Sua percepção de História estava longe da noção tripartite consagrada posteriormente: o humanista falava somente em História Antiga e Moderna, embora seu otimismo pudesse antever uma 'terceira' e nova era,

além de Maquiavel, Nicolau de Cusa e Leonardo Bruni, destacou-se Flavio Biondo, (ca. 1483) que, por sua vez, sustentou que a decadência do Império do Ocidente se relacionou ao *saque de Roma* pelos godos em 410.¹³ Pensadores de outras nacionalidades também refletiram sobre a questão, como Löwenklav, Bodin e Grotius.¹⁴

Responsáveis, nos dizeres de Guerreau, pela “dupla fratura conceitual” decorrida do surgimento dos conceitos de *religião e economia*,¹⁵ os pensadores iluministas inauguraram o debate contemporâneo sobre o tema. Montesquieu associou a decadência imperial ao seu *luxo excessivo* e ao seu *ocaso militar*, apontando o *cristianismo* como elemento desagregador. O último aspecto foi explicitado por Voltaire e, sobretudo, Gibbon, que afirmou a incompatibilidade entre a concepção de vida cristã e o estado romano.¹⁶ De acordo com Cruz:¹⁷

O historiador inglês retira a inspiração para a síntese de sua interpretação sobre o desaparecimento da civilização romana, qual seja o triunfo da religião e da barbárie. Em *History of the Decline and Fall of the Roman Empire* a Roma dos Antoninos surge como a Europa Iluminista *avant la lettre*. Uma sociedade onde a razão guia a conduta dos imperadores e dos demais dirigentes do Império. Este momento de esplendor da civilização será brutalmente interrompido devido, por um lado, a ascensão do cristianismo e, de outro, pela irrupção dos germanos nas fronteiras renana-danubiana. O segundo aspecto a ser destacado para explicar a influência e a importância da obra de Gibbon no debate historiográfico acerca do fim do Império Romano é que (...) [sua obra] é um instrumento fundamental na construção do *topos* historiográfico da decadência.

'iluminada'. MOMMSEN, Theodore. Petrarch's Conception of the 'Dark Ages'. *Speculum*, Cambridge, v. 17, n. 2, pp. 226-42, 1942.

¹³ MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*, tomo 1. São Paulo: Loyola, 2000. p. 20.

¹⁴ Inversamente, para os historiadores ligados à nobreza europeia, a exaltação aos guerreiros germânicos – notadamente os godos e os francos – servia como apanágio para justificar sua “linhagem” eminente “livre” frente aos camponeses que lhes eram subjugados. WOLFRAM, Herwig. *History of the Goths*. Berkeley, Los Angeles, CA: University of California, 1988. p. 1-4; GEARY, Patrick. *O mito das Nações*. São Paulo: Argumento, 2005. p. 31-3. Conferir ainda: OLIVEIRA, Teresinha. A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluminista e romântica da Idade Média. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 21, n. 1, pp. 175-85, 2009, p. 179-80.

¹⁵ GUERREAU, Alain. Feudalismo. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2002. pp. 437-55.

¹⁶ MORESCHINI, Claudio, NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*, tomo 1. São Paulo: Loyola, 2000. p. 20.

¹⁷ CRUZ, Marcos. *Transformação...*, Op. Cit, p. 323.

Na esteira de tais premissas, no século XIX e nas primeiras décadas do XX, a maioria dos pesquisadores considerou – além do *cristianismo* – a *invasão dos bárbaros* como principal aspecto explicativo, ao passo que os historiadores marxistas aventaram a *crise do escravismo antigo* como razão fundamental.¹⁸ As obras de Rostovtzeff e Ferdinand Lot (ambas publicadas na década de 1920),¹⁹ bem como a de Santo Mazzarino (1959) resumem a premissa *catastrófica* que permeava tais estudos.

Se no século XIX a noção de *decadência* esteve ligada à *reação conservadora* (Nisard, Taine, Seeck),²⁰ após a Primeira Guerra Mundial o pessimismo acadêmico sobre o assunto se acentuou, uma vez que se associou aos debates ideológicos da primeira metade do século XX. De fato, desde então a explicação sobre a “queda” do Império do Romano do Ocidente assumiu função catártica e paradigmática, servindo de modelo à explicação do declínio de outras sociedades.²¹ Seja pelas noções de “assassinato” ou de “decadência” do Império Romano,²² tais *ruptura* e *regressão* civilizacionais seriam associadas ao epítome *Dark Ages* supracitado, ligado ao período costumeiramente chamado de “Alta Idade Média”, denotando quão estanque estava o mundo antigo da sociedade nascente.

¹⁸ Nesse último caso, destacam-se as obras de Santo Mazzarino, *O Fim do Mundo Antigo* (1959), e Perry Anderson, *A Passagem da Antiguidade ao Feudalismo* (1974). A análise marxista pode ainda privilegiar o exame da “luta de classes” no referido período – e nem tanto o esgotamento do “modo de produção escravista” –, tal como se observa no caso da obra de Staerman: STAERMAN, E. M., “La caída de régimen esclavista” in ARCINIEGA, A. M. P. *La transición Del esclavismo al feudalismo*. Madri: Akal, 1976 apud BARROS, José D’Assunção. *Passagens de Antiguidade Romana...*, Op. Cit., p. 560-1.

¹⁹ Respectivamente, *História de Roma* e *O Fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média*.

²⁰ De acordo com Gilvan Ventura, no século XIX, em meio ao contínuo progresso científico e técnico, mesmo as eventuais quedas de impérios (russo, turco-otomano, austro-hungaro) não impediam as demais expansões imperiais (Inglaterra, França, sobretudo) e, por isso, nenhuma queda imperial chamou tanta atenção quanto à do mundo clássico. SILVA, Gilvan Ventura da. *O fim do mundo antigo...*, Op. Cit., p. 19.

²¹ CRUZ, Marcos. *Transformação...*, Op. Cit, p. 323-4, 331-2. Conforme explica Ronaldo Amaral, o domínio dos estudos em história política permitia, com isso, a disseminação do uso da data de 476 como principal marco de derrocada imperial. AMARAL, Ronaldo. *A Antiguidade Tardia nas discussões historiográficas acerca dos períodos de translatio. Alétheia – Estudos sobre Antigüidade e Medievo*, p. 1-2, v. 1, 2008.

²² Tais percepções de “assassinato” ou de “decrepitude” do Império ainda possuem repercussão junto à historiografia contemporânea, tal como se observa, no primeiro caso, pelas obras de Piganiol e Ferril e, no segundo, pela supracitada obra de Lot. PIGANIOL, A. *L’Empire chretien*. Paris: Hier, 1972 e FERRIL, A. *A Queda do Império Romano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989 apud BARROS, José D’Assunção. *Passagens de Antiguidade Romana...*, Op. Cit., p. 549-54. Conferir ainda: FRANCO JUNIOR, Hilário. *Antigüidade Tardia ou Primeira Idade Média?...*, Op. Cit., p. 236.

O conceito de *Antiguidade Tardia*

Contestando diretamente esta premissa catastrófica, ganha força a partir do pós-Segunda Guerra o conceito de “Antiguidade Tardia”. Sob inspiração do historiador da arte suíço Buckhardt e, já nas primeiras décadas do século XX, do *arqueólogo* Riegl e do *filólogo* Straub – todos do *milieu* alemão – bem como, em certo sentido, das obras de John Bury (1889-1911), Henry Pirenne (1937), Theodore Mommsen (1942) e Lynn White Jr. (1966),²³ os pesquisadores enfatizam a *continuidade* em detrimento das *mudanças* na dita passagem da Antiguidade ao período medieval, afirmando surgir ca. 200-700 um mundo radicalmente distinto de ambos os períodos.²⁴ Segundo Barros, tal premissa se vincula à crescente associação dos estudos históricos a campos como a *demografia* e ao interesse pelas *mentalidades*, pelo *cotidiano*, bem pela *história cultural*.²⁵

Embora sugerida por especialistas como Auerbach e Stroheker, coube a Henry-Irénée Marrou e, sobretudo, Peter Brown, conduzir o “projeto tardoantigo”. Enquanto o primeiro publicou uma entusiasmada retratação à edição de seu estudo biográfico sobre Agostinho (1959) e um ensaio intitulado “Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?” (1977), Brown divulgou o livro-manifesto desta vertente, *The World of Late Antiquity* (1971), traduzido ao português no ano seguinte como *O Fim do Mundo Clássico: de Marco Aurélio a Maomé*.

Quiçá sob influência de seus precedentes estudos biográficos de Agostinho (respectivamente em 1938 e 1967) – no caso de Marrou, com uma surpreendente reviravolta intelectual – estes autores lideraram um processo que colocou a expressão na ordem do dia entre as publicações acadêmicas e suas linhas editoriais,²⁶ bem como possibilitou o surgimento de uma série de novas cadeiras universitárias: além das séries *The Transformation of the Roman World* e *The Transformation of the Classical Heritage*, sabe-se de duas revistas de publicação ligadas ao termo, de

²³ WARD-PERKINS, Brian. The making of Late Antiquity. In: DRINKWATER, John, BENET, Salway (org.). *Wolf Liebeschuetz reflected: essays presented by colleagues, friends, & pupils*. Londres: University of London, 2007. pp. 9-16, p. 11-3, 15; MOMMSEN, Theodore. Petrarch's Conception of the 'Dark Ages'..., Op. Cit., p. 236.

²⁴ Tal como aponta Cruz, as diferentes cronologias propostas por Marrou, Brown e Cameron indicam diferentes entendimentos sobre os principais aspectos que englobam a periodização da Antiguidade Tardia. CRUZ, Marcos. *Transformação...*, Op. Cit, p. 327-30.

²⁵ BARROS, José D' Assunção. *Passagens de Antiguidade Romana...*, Op. Cit., p. 562-4.

²⁶ Ward-Perkins contesta a prevalência do uso da expressão *Late Antiquity* nos meios acadêmicos europeus. WARD-PERKINS, Brian. *The making of Late Antiquity...*, Op. Cit., p. 13-4.

língua francesa (*Révue de L'Antiquité Tardive*, 1993) e inglesa (*Journal of Late Antiquity*, 2008).²⁷ Além disso, sabe-se que entre 1993 e 1998 a *European Science Foundation* financiou um projeto acadêmico destinado a investigar “as raízes da Europa Ocidental”, capitaneado pelos principais pesquisadores da Antiguidade Tardia.²⁸ Para Edward James, atesta-se a preferência do uso deste conceito pela historiografia corrente.²⁹

A supracitada ênfase na *continuidade* desdobra-se em outros elementos. Em resumo, podemos afirmar que:

- a) tal concepção privilegia o estudo das regiões *do mediterrâneo oriental*; por extensão, esquiva-se dos “problemas convencionais do declínio e queda do Império Romano do Ocidente”;³⁰
- b) substitui termos como *crise* e *decadência* por *transição*, *transformação*, *mudança* ou *interação*,³¹ conferindo ao período matiz *positivo* e por vezes associado ao pensamento contemporâneo;³²
- c) toma como objeto preferencial a *vida cultural, religiosa e espiritual*;³³
- d) aborda intensamente as expressões artísticas, intelectuais e estéticas do período, incorporando *insights* antropológicos e arqueológicos, questionando de modo decisivo o propalado *declínio* até então verificado nos estudos do período.³⁴
- e) os autores que se utilizam desta noção estão confiantes de que o período intitulado Antiguidade Tardia exprime, portanto, um momento histórico

²⁷ JAMES, Edward. The Rise and Function of the Concept ‘Late Antiquity’. *Journal of Late Antiquity*, Maryland, v.1, n.1, pp. 20-30, 2008. p. 21-2, 28-9; CRUZ, Marcos. *Transformação...*, Op. Cit., p. 334-5.

²⁸ GREIN, Everton. *Translatio ad mundus: a transformação do mundo romano e a antiguidade tardia. Elementos teóricos para uma perspectiva historiográfica. História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 3, pp. 106-22, 2009, p. 107.

²⁹ JAMES, Edward. *The Rise...*, Op. Cit., p. 20.

³⁰ BROWN, Peter. *O Fim do mundo clássico: de Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Verbo, 1972. p. 20.

³¹ FRIGHETTO, Renan. *Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa época de transformações (séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012. p. 19-33.

³² BROWN, Peter. *O Fim do mundo clássico...*, Op. Cit., p. 7; GREIN, Everton. *Translatio...*, Op. Cit., p. 106, 118-9.

³³ CRUZ, Marcos. *Transformação...*, Op. Cit., p. 335; MARCONE, Arnaldo. A Long Late Antiquity? Considerations on a Controversial Periodization. *Journal of Late Antiquity*, Maryland, 2008, v. 1, n.1, pp. 4-19. p. 10. MAYER, Wendy. Approaching Late Antiquity. In: ROUSSEAU, Phillip (ed.). *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Blackwell, 2009. pp. 1-13, p. 2.

³⁴ JAMES, Edward. *The Rise...*, Op. Cit., p. 25.

nem antigo, nem medieval: a saber, é dotado de *especificidades*, que muitas vezes compõem o substrato da Europa em gestação – hierarquia eclesiástica, monasticismo, códices jurídicos;³⁵

Vale lembrar que estes aspectos são pertinentes sobretudo aos pesquisadores anglo-germânicos. Assim, em países como a França, desde Marrou a expressão remete em larga medida à filiação confessional e institucional católica; nos Estados Unidos, observa-se a predileção pela cultura material e os estudos econômicos.³⁶ No Brasil, os estudos parecem mais ligados ao âmbito político-institucional, creditando seu emprego no estudo dos reinos romano-germânicos do Ocidente.³⁷

A nosso ver, são diversas as virtudes evocadas por tal perspectiva. A princípio, a noção de “Antiguidade Tardia” desafia diretamente a noção de *Dark Ages*, os exageros e erros de julgamento que marcariam a historiografia claramente desde Gibbon até meados do século XX. Além disso, traz à tona todo o tesouro documental do Oriente mediterrâneo. No entanto, a noção de “Antiguidade Tardia” também encerra dificuldades e riscos.

Em primeiro lugar, destaca-se sua *dificuldade de precisão cronológica*. Tal imprecisão é observável na obra fundadora de Brown, na qual por vezes o autor usa indistintamente *tardorromano*, *tardoantigo* ou mesmo *baixo imperial*.³⁸

There is the uncertainty about the chronological extent of the period (does it begin in the second century, or the third? does it end with Muhammad, or Harun al-Rashid, or later still?).

³⁵ GREIN, Everton. *Translatio...*, Op. Cit., p. 107-9, 119; OLIVEIRA, Waldir. *Antiguidade Tardia*. São Paulo: Ática, 1990. p. 5-8.

³⁶ JAMES, Edward. *The Rise...*, Op. Cit., p. 24-5. MAYER, Wendy. *Approaching Late Antiquity...*, Op. Cit., p. 10-2.

³⁷ OLIVEIRA, Waldir. Op. Cit.; GREIN, Everton. Op. Cit.; FRIGHETTO, Renan. Op. Cit. Vale lembrar que, para alguns autores, a opção pelo uso ou não do termo “Antiguidade Tardia” não parece relevante quando considerada ao objetivo da pesquisa: tal é o caso do livro de Ruy Andrade, que utiliza indistintamente este termo e “Primeira Idade Média”. ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. *Imagem e Reflexo. Religiosidade e Monarquia no Reino Visigodo de Toledo (Séculos VI-VIII)*. São Paulo: Edusp, 2012.

³⁸ JAMES, Edward. *The Rise...*, Op. Cit., p. 24. “existe essa incerteza sobre a extensão cronológica do período (se inicia no século II, ou no III? Se encerra com Mohammad ou Harun al-Rashid, ou ainda mais tarde?” (tradução nossa). MARCONE, Arnaldo. *A Long Late Antiquity?...Op. Cit.*, p. 10-1, 15. Como vimos, Marcos Cruz explora essa imprecisão como sinal de diferentes premissas que podem encerrar o conceito de “Antiguidade Tardia”. CRUZ, Marcos. *Transformação...*, Op. Cit., p. 327-30.

Além disso, diversas assertivas de *continuidade* são demasiado *genéricas*, baseadas em evidências arqueológicas ou literárias dispersas³⁹ – ambas, neste caso, interpretadas de modo problemático.⁴⁰ Cabe lembrar ainda de sua *negligência* expressa aos processos desenrolados no Ocidente, correndo-se o risco de criar um panorama de *exotismo religioso e cultural*, tal como alertado por uma defensora do termo, Averil Cameron. Parafraseando a advertência da autora, feita em 1993, afirma James:⁴¹

“Late Antiquity” is in danger of having become an exotic territory, populated by wild monks and excitable virgins and dominated by the clash of religions, mentalities, and lifestyles.

O aspecto mais grave da proposição de “Antiguidade Tardia” é trazido à tona pelas críticas de Mark Edwards e Arnaldo Marcone. Ambos percebem na consecução das noções associadas à *continuidade* – *integração, assimilação, transição pacífica* entre outros – um elemento que permite a reafirmação de um projeto orientado de “unidade europeia” e, por outro lado, de um projeto de poder junto ao *melting pot* étnico estadunidense, ao se diluírem *conflitos e particularidades*.⁴²

Estes concordam ainda com os reclames de autores como Giardino, Sestan, D’Elia, Carandini e Schiavoni (todos italianos, de filiação marxista ou não), Heather, Bowersock, Ward-Perkins e, em especial, Liebeschuetz, para os quais – sobretudo para o último – surgiu um *tabu* em torno do uso da expressão *crise* para se

³⁹ WICKHAM, Chris. *Framing the Early Middle Ages (400-800)*. Oxford: Oxford University, p. 1-14.

⁴⁰ MARCONE, Arnaldo. A Long Late Antiquity?...Op. Cit., p. 16, nota 50: “both as a consequence of this kind of approach and because of more general trends, we have witnessed a progressive weakening of any vigorous philological approach and rigorous analysis of the sources so essential to the study of ancient history”. (Tanto como consequência desta abordagem [tardoantigas] como em razão de outras tendências mais gerais, testemunhamos um progressivo enfraquecimento de qualquer abordagem filológica consistente e rigorosa análise de fontes, tão caras ao estudo da história antiga)” (tradução nossa). MAYER, Wendy. *Approaching Late Antiquity...*, Op. Cit., p. 2-10.

⁴¹ JAMES, Edward. *The Rise...*, Op. Cit., p. 26. “A ‘Antiguidade Tardia’ corre o risco de ter se tornado um território exótico, povoado por monges selvagens e virgens excitantes, e dominada por choques de religiosos, mentalidades e estilos de vida” (tradução nossa). Cf.: CAMERON, Averil. *The Mediterranean World of Late Antiquity AD 395-600*. Nova York: Taylor & Francis, 2001. p. 6.

⁴² JAMES, Edward. *The Rise...*, Op. Cit., p. 27-9; MARCONE, Arnaldo. A Long Late Antiquity?...Op. Cit., p. 5, 16, nota 50, 17.

referir a um processo histórico.⁴³ Tal entendimento é criticado mesmo por um partidário do uso da expressão:⁴⁴

O pessimismo do final do século XIX e do entre guerras havia sido substituído pelo otimismo advindo da vitória dos valores civilizacionais ocidentais na II Guerra, (democracia e capitalismo), pela reconstrução da Europa e principalmente pela forte expansão do capitalismo do pós-guerra. A civilização ocidental não se encontra mais em risco no início da década de 70 do século XX. Os problemas a serem enfrentados são de outra ordem, contemplando, fundamentalmente, a forma e a maneira de incorporação de novos grupos a esta civilização: os imigrantes oriundos do processo de descolonização, as mulheres do movimento feminista, os jovens estudantes do maio de 68 entre outros.

Em última instância, ao privilegiarmos o estudo dos processos desenrolados no Ocidente, concordamos com Edward James, que sinaliza seu ceticismo quanto às potencialidades do uso da noção de “Antiguidade Tardia” em seu trabalho:⁴⁵

As someone who has studied the Franks, and the history of Britain in the first millennium, and is interested in the history of early Ireland, I have to be skeptical of the Late Antiquity project, which places these things on the periphery, or beyond it. The rejection of decline and the emphasis on continuity make no sense in Britain or in northern Gaul; they probably make little sense anywhere in the former western empire.

A noção de Alta ou Primeira Idade Média

A outra perspectiva aqui apresentada se refere ao uso da expressão *Alta Idade Média* (tal como apresentada por Le Goff ou Wickham, por exemplo) ou *Primeira*

⁴³ WARD-PERKINS, Brian. *The making of Late Antiquity...*, Op. Cit., p. 9, 14-6; MARCONE, Arnaldo. *A Long Late Antiquity?...* Op. Cit., p. 5-7, 15-7; FRIGHETTO, Renan. *Antiguidade Tardia...*, Op. Cit., p. 23-4.

⁴⁴ CRUZ, Marcos. *Transformação...*, Op. Cit, p. 334. Vale lembrar, aqui, do capítulo introdutório de Patrick Geary acerca da crise identitária europeia que se seguiu à dissolução do socialismo no Leste. GEARY, Patrick. *O mito das Nações...*, Op. Cit., p. 11-25.

⁴⁵ JAMES, Edward. *The Rise...*, Op. Cit., p. 29. “Tendo estudado os francos, a história da Bretanha no primeiro milênio, e interessado na história remota da Irlanda, tenho de ser cético em relação ao projeto da Antiguidade Tardia, que situa esses assuntos na periferia, ou além desta. A rejeição ao declínio e a ênfase na continuidade não fazem sentido na Bretanha ou ao norte da Gália; possivelmente, elas fazem pouco sentido em qualquer outra região do outrora império romano ocidental” (tradução nossa). Conferir: FRANCO JUNIOR, Hilário. *Antiguidade Tardia ou Primeira Idade Média?...* Op. Cit., p. 237, 241; MAYER, Wendy. *Approaching Late Antiquity...*, Op. Cit., p. 10.

Idade Média, segundo Franco Junior. A expressão em inglês é ambígua, pois o termo *Early Middle Ages* pode ser aplicado ao período imediatamente sucessivo ao fim do Império Ocidental e à formação dos reinos romano-germânicos ou, o que é mais comum, ao período da dinastia franca carolíngia em diante (século VIII).

Para os medievalistas, o período histórico de cerca de mil anos premido entre a Antiguidade e os tempos Modernos – notadamente a Alta Idade Média – encontra-se em curiosa situação junto à historiografia: embora reconhecido como “matriz” e “gênese” do Ocidente⁴⁶ o medieval é, ao mesmo tempo, sua própria “alteridade” histórica, posto que fundamentalmente diferente do pensamento contemporâneo.⁴⁷

Em verdade, o termo “Idade Média” se origina pela letra de seus primeiros detratores. Os primeiros a cunhar a expressão foram humanistas italianos que, em plenos séculos XIV-XV, contrapunham a depuração *filológica, artística e arquitetônica* de seu tempo àquela observada no período precedente, de modo a valorizar o primeiro. Assim, autores como Petrarca, Vasari e Andrea caracterizavam a *medievalidade* como “trevas” e “flagelo” cultural, verdadeiro interregno entre a Antiguidade e os tempos então “modernos”.⁴⁸

Nos séculos XVI-XVII a crítica ao período *médio* se ampliou, firmando-se junto à historiografia – especialmente entre os eruditos germânicos, destacando-se autores como Du Cange e Keller, que consagrariam a divisão tripartite da história ocidental – e se fortalecendo pela rejeição de grupos sociais então ascendentes.⁴⁹

⁴⁶ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 9-10; GUREVICH, Aron. A ‘Visão de Mundo’ do homem da Idade Média. In: Idem, *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Caminho, 1991. pp. 13-31; FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média...*, Op. Cit., p. 155.

⁴⁷ Deste modo, a Idade Média é ainda hoje particularmente criticada ou defendida por partidários que estariam, em verdade, reafirmando ou refutando valores e princípios contemporâneos. Tornar sua depreciação ou elogio menos acalorados – posto que mais críticos – é tarefa dos historiadores, ao menos desde inícios do século XX. BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal...*, Op. Cit., p. 23-6.

⁴⁸ Ao mesmo tempo, o termo *gótico* indicado ao estilo das catedrais dos séculos anteriores também guarda um sentido pejorativo. MURRAY, Alexander. Should the Middle Ages Be Abolished? *Essays in Medieval Studies*, Morgantown, v. 21, pp. 1-22, 2004, p. 3-4.

⁴⁹ Desta forma, os “protestantes” contestavam a hegemonia religiosa católica observada no período medieval ao mesmo tempo em que as monarquias ditas “absolutas” refutavam sua característica fragmentação política; a burguesia desprezava-lha por sua reduzida capacidade comercial. FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média...*, Op. Cit., p. 11-2; AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, J., SCHMITT, J-C. (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente...*, Op. Cit., pp. 537-50; MURRAY, Alexander. Should the Middle Ages Be Abolished?..., Op. Cit., p. 3-6.

No entanto, como vimos, somente a partir da crítica *iluminista* do século XVIII a Idade Média seria definitivamente depreciada. Para a burguesia revolucionária em vias de triunfo, era um *tour de force* contrapor o *Anciën Regime* (e sua Quintessência medieval) aos novos tempos que se inauguravam. Destarte, se Adam Smith criticava a anarquia e a estagnação econômica medieval – soterrada em corporativismos e regulamentações, em oposição ao “progresso” liberal de seu tempo –, Voltaire e Rousseau denunciavam o obscurantismo, o fanatismo e a intolerância característicos da Idade Média, sob tutela da “infame” Igreja Católica,⁵⁰ de modo a exaltar liberdade de consciência. Para Oliveira:⁵¹

Provavelmente, de todas as instituições pertencentes ao mundo feudal, nenhuma atraiu maior ódio dos autores do século XVIII do que a Igreja Católica. (...) Foi para atingir a sociedade feudal em seu âmago que se atacou a antiga religião, comprometida com o mundo medieval. Foi através do ataque à religião que os ilustrados do século XVIII atacaram o despotismo feudal e absolutista. Nessa ocasião, portanto, a crítica à Igreja Católica era um dos elementos da luta geral contra a feudalidade. Ao combater a religião, os filósofos da Revolução combatiam, de um lado, o que lembrava o passado e, de outro, a base teórica da antiga sociedade, já que, como observou Tocqueville, a Igreja era o primeiro dos poderes políticos.

De fato, a marca impressa pela crítica iluminista ao medievo foi tão forte que seria o fundamento da reação daqueles que partiriam, ao contrário, em sua defesa. Na primeira metade do século XIX, diante dos levantes nacionalistas, do Congresso de Viena, do desprezo ao racionalismo,⁵² a nostalgia “romântica” identificou no período alto medieval a *origem* de parte dos povos europeus e a considerou um período de fé, coligado à expansão do cristianismo.⁵³

Assim, junto ao neotomismo católico, o romantismo oitocentista exaltou a Idade Média frente à crescente insegurança causada pelo cientificismo e pelos avanços tecnológicos da Revolução Industrial – esta, de resto, considerada causadora de desagregação individualista e egoísta. Como contraponto à sociedade que emergia da “Era das Revoluções”, exaltando-a em sua ‘bizarria’, o romantismo conquistaria adeptos na literatura em geral, com romances históricos como “Iva-

⁵⁰ Conferir nota 14 acima.

⁵¹ OLIVEIRA, Teresinha. A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX..., Op. Cit., p. 184-5.

⁵² AMALVI, Christian. Idade Média..., Op. Cit., p. 539-40.

⁵³ VAN EGEN, John. The Christian Middle Ages as an Historiographical Problem. *American Historical Review*, Blomington, vol. 91, n. 3, pp. 519-52, 1986.

nhoé”, de Walter Scott; em peças musicais, como “Parsifal”, de Wagner; entre tantos outros.⁵⁴

Necessariamente, o movimento também repercutiria na historiografia. No caso francês,⁵⁵ destacam-se, a princípio, os trabalhos de “Restauradores” como Thierry e, notadamente, Guizot.⁵⁶ Engajados em um projeto burguês de hegemonia e reconstituição do tecido social e político – fraturado após a Revolução –, estes historiadores dedicaram-se a revalorizar as contribuições do período medieval à concepção da “nação” (associada ao Terceiro Estado)⁵⁷ e, no limite, do Ocidente, dentre as quais se destacam as noções de *liberdade* e *individualidade*, além do próprio *cristianismo*.⁵⁸

⁵⁴ Na segunda metade do século XIX, o aparato estatal valorizou o movimento, com projetos de restauração arquitetônica e o ensino confessional e laico, notadamente na Alemanha e na França. AMALVI, Christian. *Idade Média...*, Op. Cit., p. 540-2.

⁵⁵ É possível destacar outros casos de associação entre nacionalismo e historiografia no séc. XIX, que tomaram a Idade Média como apanágio das premissas. Se nos casos francês e inglês – aqui, especialmente, com a obra de Carlyle –, a exaltação da Idade Média contribuiu para a supressão de minorias linguísticas e culturais e de memórias variantes, em favor da construção de uma história nacional homogênea e unívoca. No caso alemão, tal propaganda favorecia ao fortalecimento estatal: dirigida especialmente por Vom Stein e Fichte, que se ampararam especialmente na divulgação da *Germânia*, de Tácito, bem como da *Getica*, de Jordanes – a partir da problemática transmissão do manuscrito dessa obra. Nos impérios multiétnicos europeus, por sua vez, as minorias eram quem divulgavam a Idade Média de modo a legitimar suas reivindicações por autodeterminação. GEARY, Patrick. *O mito das Nações...*, Op. Cit., p. 29-55. Conferir: KULIKOWSKI, Michael. *Guerras Góticas de Roma*. São Paulo: Madras, 2008. p. 61-74.

⁵⁶ A obras de Guizot (*História da Civilização Francesa*) e a parte dedicada à Idade Média na *História da França* de Michelet foram eclipsadas pela vertente *annaliste* medievística francesa: seja por razões políticas – pela defesa, por Guizot, da monarquia constitucional e burguesa, hoje bastante contestada – ou pela obsolescência de seus procedimentos teóricos e metodológicos, como no caso de Michelet, não se costuma dar o devido crédito aos autores: LE GOFF, Jacques. *As Idades Médias de Michelet*. In: ____, *Para um novo conceito de Idade Média: Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980. p. 19-42. OLIVEIRA, Teresinha. Por que retomar François Guizot. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 20, n. 1, pp. 121-8, 1998, p. 124, nota 6.

⁵⁷ Embora considerado anterior à emergência do estado e, por isso, de alguma forma afastado do entendimento de Estado-Nação que permeava a historiografia medievística do século XIX. SILVA, Marcelo Cândido. *A realeza cristã na Alta Idade Média: Os fundamentos da autoridade política no período merovíngio (séculos V-VIII)*. São Paulo: Alameda, 2008. Conferir ainda: ALMEIDA, Ana C. *Pensando o fim da Idade Média...*, Op. Cit., p. 1-2, nota 2.

⁵⁸ No caso de Michelet, além de ser mais explícita sua pretensão científica e globalizante, este se distinguia por sua defesa na *soberania popular*, escapando de alguma forma da consagrada história política associada às dinastias e às instituições, muito embora a percepção da Idade Média em sua obra variasse em grande parte de acordo com os sucessivos eventos políticos e sociais que atravessaram a França Restaurada no século XIX. LE GOFF, Jacques. *As Idades Médias de Michelet...*, Op. Cit.

Nesse contexto, destaca-se a organização de coleções documentais “monumentais”, tais como a *Patrologia Latina* (França), a *Monumenta Germaniae Historica* (Alemanha) e a *Rerum Britannicorum* (Inglaterra), que se tornaram rapidamente a base das coleções e edições críticas dos documentos medievais empregadas desde então.⁵⁹ Coligada ao medievo, portanto, a prestigiosa historiografia europeia do século XIX impulsionaria diretamente o avanço da História na condição de *campo do saber*, aceito amplamente para além dos limites acadêmicos.⁶⁰ Um dos elementos de maior destaque, nesse caso, reside em seu método de erudição crítica dos textos – dentre os quais possamos destacar as obras de Ranke e, uma vez mais, Michelet.⁶¹

No entanto, mesmo com as ressalvas de autores como Voltaire, Guizot e Michelet, a historiografia medievística – fosse ela iluminista ou romântica – permanecia em essência atrelada ao particular e factual, além de subserviente às fontes escritas, incapaz de formular hipóteses de pesquisa e surda às contribuições de outras Ciências Sociais.

Coube às historiografias marxista e *annaliste* renovar os estudos medievísticos. Se os estudos marxistas já insistiam no caráter explicativo e globalizante da interpretação histórica desde fins do século XIX, tal vertente se consolidou junto aos meios acadêmicos somente a partir da década de 1920 e, em especial, da Grande Depressão.

Quanto à historiografia dos *Annales*, sua contribuição para a implosão da perspectiva historiográfica precedente se evidenciou especialmente no pós-Segunda Guerra. Ao frisar as intercessões entre as pesquisas *annalistes* e marxistas, Gilvan Ventura aponta a distinção fundamental – hoje arrefecida – entre tais perspectivas: no caso dos primeiros, se reconhecem múltiplas temporalidades e múlti-

⁵⁹ FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média...*, Op. Cit., p. 13; ____, *Antigüidade Tardia ou Primeira Idade Média?...*, Op. Cit., p. 238.

⁶⁰ Muitas vezes, sem escapar a visão igualmente preconceituosa que há muito se projetava sobre a Idade Média. AMALVI, Christian. *Idade Média...*, Op. Cit., p. 539, 545-7.

⁶¹ SILVA, Gilvan Ventura da. *O fim do mundo antigo...*, Op. Cit., p. 59-60. Em que pese a variação de suas críticas, historiadores vem questionando o uso irrefletido de tais coleções documentais e das subsequentes edições críticas contemporâneas que lhes são devedoras, motivando os pesquisadores a atentarem de modo mais preciso à transmissão dos manuscritos que compõem uma dada obra medieval. MURRAY, Alexander. *Should the Middle Ages Be Abolished?...*, Op. Cit., p. 6-17; SILVEIRA, Verônica da Costa. *Os romanos nos sessenta e cinco primeiros títulos das leis sálicas e a especificidade do manuscrito A2*. *Signum*, Cuiabá, v. 13, pp. 46-69.

plas durações, o necessariamente incidiria sobre os debates sobre o fim do Império Romano e do mundo clássico e o surgimento da Idade Média.⁶²

Nesse sentido, no âmbito da perspectiva *annaliste*, *Os Reis Taumaturgos*, de Marc Bloch (1924), e, notadamente, *A civilização da Europa medieval* (1964) de Jacques Le Goff trouxeram à tona uma rediscussão dos termos limítrofes da Idade Média. Referência da nascente *história-problema*, a obra de Bloch se destacou pelo exercício comparativo e pela aproximação estreita com outros campos das Ciências Sociais na formulação de hipóteses de pesquisa, bem como sua ênfase na supracitada múltipla temporalidade de algum modo “antecipou” a noção de *longa duração* braudeliana às novas propostas de periodização da Idade Média.⁶³

O livro de Le Goff, por sua vez, ao prorizar a *pars occidentalis* postulou que, no período, o elemento *peculiar* foi precisamente a *síntese* entre três substratos culturais: a saber, o *romanismo*, o *cristianismo* e o *germanismo* decorridas entre 395 e 800.⁶⁴ Com isso, recuperou a importância do substrato germânico – sem, no entanto, recuperar as teses aristocráticas modernas. Além disso, não mostrou apreço pela data de 476 como *marco* histórico.

Vale lembrar que as apreciações de Le Goff a respeito das contribuições de romanos e germanos são assimétricas e, de certo modo, esquizoides: ao mesmo tempo em que descreve a *civilização romana* como *enclausurada, defensiva e sem capacidade criativa* – posta abaixo por elementos centrífugos como o *regionalismo* e exógenos como os bárbaros –, considera sua *superioridade jurídica, política e cultural frente aos bárbaros*; estes, por sua vez, em que pese serem tidos como elementos responsáveis pelo *regresso* e pelo *primitivismo*, são também considerados dotados de conhecimentos técnicos metalúrgicos e artesanais.⁶⁵

⁶² Ibidem, p. 63-8.

⁶³ LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio na França e na Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-37. Frisa-se, nesse caso, a supracitada “longa idade média” que, sobretudo pela pena de Le Goff, seria melhor precisada a partir da década de 1980. ALMEIDA, Ana C. Pensando o fim da Idade Média..., Op. Cit., p. 2-8.

⁶⁴ Tal argumento pode ter sido influenciado por sugestão da obra de Michelet, especificamente no que se refere às suas divagações sobre o cristianismo. . LE GOFF, Jacques. *As Idades Médias de Michelet...*, Op. Cit., p. 32. Tal explicação é seguida de perto, entre outros, por José Romero. ROMERO, José L. *La Cultura Occidental*. Buenos Aires: Legasa, 1984. p. 14-41.

⁶⁵ LE GOFF, Jacques. *A Civilização* Op. Cit, p. 19-26. Sobre o “regresso” agravado pelos “bárbaros”, afirma o autor: “De um declínio, eles fizeram uma regressão. (...) Incapaz de criar, de produzir, o mundo Bárbaro ‘reutiliza’. Neste mundo empobrecido, subalimentado, enfraquecido, uma calamidade natural completa o que o bárbaro começou [ou seja, a Peste Negra de 543]”. LE GOFF, Jacques. *A Civilização...*, Op. Cit., p. 37.

Embora descreva os protagonistas em termos abertamente pejorativos – sobretudo os germanos – Le Goff afirma que processo de fusão entre romanos e bárbaros é antecipado pelo *foedus* e facilitado pelo fato de que, em meio à *ruralização* da vida econômica, ambas as lideranças aristocráticas se tornam aliadas já que detentoras de terras, Le Goff considera que o aspecto moderador entre as instâncias seria, precisamente, a Igreja e seus líderes episcopais. O cristianismo é, com isso, explorado como elemento de síntese – em tom apologético, cabe dizer.⁶⁶

Na desordem das invasões, bispos e monges (...) tornaram-se chefes polivalentes de um mundo desorganizado: ao seu papel religioso agregaram um papel político ao negociar com os Bárbaros; econômico, ao distribuir víveres e esmolas; social, ao proteger os pobres contra os poderosos; até mesmo militar, ao organizar a resistência ou lutar “com armas espirituais” quando as armas materiais não existiam.

Partidário desta nomenclatura – bem como do enfoque nos reinos romano-germânicos –, Wickham adverte ainda para o fato de que, a par de todo o apregoadado *internacionalismo* acadêmico europeu e ocidental é, em essência, reduzido ao âmbito *nacional* quando se estudam o *ocidente*: isso explica em parte sua monumental análise comparativa, que tenta escapar deste reducionismo nacionalista.⁶⁷

Ainda que considere elementos de tensão e atritos, Hilário Franco Júnior propõe uma terminologia alternativa ao período entre o início do século IV e meados do VIII que, dirimindo os erros de julgamento e preconceitos que lhe são característicos – vide as ideias de *Dark Ages* que, de algum modo, ecoam na obra de Le Goff –, se fundamentam na proposição renovadora do medievalista francês.⁶⁸ A noção de *Primeira Idade Média* encerra uma premissa segundo a qual os referidos séculos apresentam no *Ocidente* a supracitada síntese tripartite:⁶⁹

O período (...) sem dúvida apresenta uma feição própria, não mais “antiga” e ainda não claramente “medieval”. Apesar disso, talvez seja melhor chamá-la de Primeira Idade Média do que usar o velho rótulo de Anti-

⁶⁶ LE GOFF, Jacques. *A Civilização...*, Op. Cit., p. 40. Vale lembrar que o autor chegou recentemente a aventar o uso do termo “Antiguidade Tardia”. ____, *Em Busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 55.

⁶⁷ WICKHAM, Chris. *Framing...*, Op. Cit., p. 4-5.

⁶⁸ É possível que autores como George Rail e Felipe Fene, assim como a coletânea *International Medieval Bibliography* tenham postulado, concomitantemente, tal formulação. FRANCO JUNIOR, Hilário. *Antiguidade Tardia ou Primeira Idade Média?...*, Op. Cit., p. 240.

⁶⁹ FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média...*, Op. Cit., p. 15.

guidade Tardia, pois nela teve início a convivência e a lenta interpenetração dos três elementos históricos que comporiam todo o período medieval (...): herança romana clássica, herança germânica e cristianismo.

Segundo Franco Júnior, **a)** do *romanismo* [configurado pelas transformações políticas e sociais do período do Baixo Império] seriam herdados o *caráter sagrado da monarquia*, a *aceitação dos germanos em território imperial*, a *petrificação da hierarquia social*, o *fiscalismo sobre o campo* e, sobretudo, a *efervescência espiritual que possibilitou o sucesso cristão*; **b)** do *germanismo* adviriam a *pluralidade política*, a *concepção de obrigações recíprocas entre chefes e guerreiros*, e o *deslocamento do eixo de gravidade* [político e econômico] *para o norte*; **c)** A Igreja, seus bispos e monges, seria responsável pela articulação entre estes substratos culturais, herdando do romanismo seu caráter universalista, disseminando o uso do latim vulgar, tornando o cristianismo religião de Estado.⁷⁰ Considerando que os referidos séculos trazem à tona novas percepções geográficas, jurídicas, linguísticas e socioeconômicas,⁷¹ o autor prossegue:⁷²

Entramos, portanto, claramente numa nova fase. Logo, para mim, a nova sociedade saída da crise do século III não é mais a do Mundo Clássico e prolonga-se até (...) meados do século VIII: reordenamento político carolíngio, forte institucionalização da Igreja, difusão do monasticismo, acomodamento das heranças culturais clássica e germânica, relativo progresso agrícola, consolidação e limitação da presença muçulmana no Ocidente, crescente afastamento do Ocidente em relação a Bizâncio.

A nosso ver, o empenho de Franco Junior em buscar uma nomenclatura distinta nada tem a ver com modismos acadêmicos: a proposta de Primeira Idade Média centra-se nos fenômenos desenrolados no Ocidente sem, no entanto, empregar o tom depreciativo imputado aos germanos que permanece ainda arraigado em boa parte dos trabalhos historiográficos – vide o caso de Le Goff. O período seria, ainda, reconhecido como dotado de particularidades, sem a pecha de *Dark Ages* e, ao mesmo tempo, sem o *exotismo* que caracteriza boa parte dos trabalhos referentes à “Antiguidade Tardia”.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Antigüidade Tardia ou Primeira Idade Média?... Op. Cit., p. 236-7, 239.

⁷² Ibidem.

Considerações finais

Sob a égide da desestruturação do Império Romano do Ocidente, o período que demarca a passagem da Antiguidade à Idade Média foi considerado de modo variado por seus contemporâneos e pelos séculos seguintes. A partir da consolidação do pensamento iluminista e, em específico, da divulgação da obra de Edward Gibbon, a interpretação historiográfica dominante passa a ser a de declínio, provocado pela decadência moral imperial, pela ação eclesiástica e, sobretudo, pela atuação do ‘bárbaros’.

Fundamentalmente, o uso dos termos “Antiguidade Tardia” ou “Alta/Primeira Idade Média” se refere às opções teóricas e conceituais e a outros interesses inscritos no estudo de cada pesquisador ou grupo de pesquisa interessado no período de passagem da Antiguidade à Idade Média. Necessariamente, cada um dos termos apresenta implicações, potencialidades e limitações específicas.⁷³

Inegável que, nas últimas décadas, a noção de “Antiguidade Tardia” dirimiu decisivamente a apreensão dos referidos séculos como “crise” ou “catástrofe” consagrada desde a obra de Gibbon, além de ter valorizado a exploração documental do Mediterrâneo oriental. Por outro lado, o termo pode ter exagerado na apreensão otimista de processos de integração e, por isso, servir de apanágio a projetos políticos supranacionais.

A nosso ver, embora acentue os processos desenrolados no Ocidente e atente para o elemento germânico, a noção de Alta Idade Média, além de estar mais diretamente associada ao período carolíngio pela historiografia ocidental, permite de algum modo considerações pejorativas, sobretudo quando remete à atuação dos germanos.

Deste modo, considerando o estudo das transformações ocorridas na *pars occidentalis* no referido período, parece-nos salutar explorar a noção de Primeira Idade Média: ainda que seu uso seja ainda bastante restrito no ambiente acadêmico, o termo consegue conter os exageros marcadamente *otimista* e *pessimista* das duas propostas precedentes. Longe de esgotar o assunto, esperamos que este artigo contribua para novas reflexões acerca desta temática.

⁷³ BARROS, José D’ Assunção. Passagens de Antiguidade Romana..., Op. Cit., p. 562-9.